

A Miséria do Mundo: uma leitura

Inês Brasão

Este texto resulta da minha intervenção no ciclo de conferências intitulado “Bourdieu e os seus livros”, organizado pelo Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. O convite que me foi endereçado tem um rosto, o de Virgílio Borges Pereira, a quem muito agradeço a oportunidade de me reencontrar com o meu passado, as minhas influências e uma das mais desafiantes obras de Pierre Bourdieu, *La Misère du monde*, levada à estampa pela Éditions du Seuil. O gesto de homenagear deixa de ser apenas um expediente de protocolo quando está ligado ao desejo de abrir novas portas à leitura, à reflexão e ao cruzamento de perspetivas. Foi o que sucedeu. Agradeço ainda ao João Queirós, com quem reparti nesse encontro a visão sobre o legado desta obra para a história das ciências sociais e com quem aprendi a destacar elementos de que me não tinha apercebido, e às pessoas que participaram no debate. Seria falso, embora desejável, induzir-vos a ideia de que fiz a (re)leitura deste volume na sua língua original. Por razões relacionadas com economia de tempo, e também porque o investimento editorial e de tradução em grandes autores das ciências sociais continua muito aquém do esperado no panorama português, em pouco ou nada alterado desde os meus tempos de estudante, regresssei à tradução da editora Vozes, com sede em Petrópolis, que em 1997 já tinha uma tradução disponível no mercado.

A estrutura deste ensaio está dividida em três partes, sendo as primeiras duas mais curtas, e de pendor biográfico. A primeira faz uma retrospectiva em relação aos meus primeiros contactos com a obra de Pierre Bourdieu. A segunda é dedicada à sua influência no meu percurso de investigação. Na terceira parte, mais extensa, ensaio uma revisão crítica do livro organizado por Pierre Bourdieu, *A Miséria do Mundo*. Aqui exponho as suas virtudes e também algumas das suas debilidades, de um ponto de vista geral. Por último, considero quatro casos analisados neste volume por terem despertado conexões com os meus próprios estudos.

Primeiros contactos

O ano de 1993 foi forte. Entre outras descobertas que aqui não vêm ao caso, representou uma confirmação de que o curso de Sociologia me agradava. Esse agrado provinha sobretudo da natureza das perguntas que diariamente me eram colocadas, convocando à desconstrução de ideias. Mal sabia eu que uma das verdadeiras forças do ano de 1993, no plano editorial e da história da sociologia, era o lançamento de *La Misère du Monde*, de Pierre Bourdieu. Frequentemente assim assinalada, trata-se, afinal, de um projeto coletivo, sem o qual Bourdieu não podia ter alcançado o que se propõe no início das cerca da 950 páginas de leitura¹: 46 entrevistas e correlativas 46 análises dos estudos de caso, integrados nos seguintes capítulos-chave: “Espaço dos pontos de vista”/ “Efeitos do lugar”/ “A Demissão do Estado”/ as “Decadências”/ “O Fim do Mundo”/ os “Excluídos do interior”/ “As contradições da Herança”/ “A solidão” e os ensaios inicial e finais. Contribuem para os diferentes capítulos nomes como Accardo, Bourdieu, Champagne, R. Christin, J.-B. Faguer, S. Garcia, R. Lenoir, M. Pialoux, A. Sayad, ou L. Wacquant. Nomeei de forma parcelar e consciente alguns dos que tinham lugar cativo nas disciplinas do curso de Sociologia da Nova para provar a força que tinha a escola francesa no ministério do curso. Mas foi também no ano de 1993 que se deu a assinatura do Tratado de Maastricht. E se identifico o arranque desta convenção no mesmo ano de lançamento de *La Misère du Monde* é porque me ocorre uma grande ironia. No mesmo período em que um tratado celebra o alargamento entusiasmado da livre circulação de pessoas, bens e serviços pertencentes aos países membros da Comunidade Europeia, vemos em *La Misère* os primeiros sintomas de uma doença social que se materializava num progressivo abandono das políticas públicas e da esfera mediática em face das pessoas menos providas de recursos e cuja vida, tantas vezes vivida nas margens ou no limiar do possível, já nos surge perfeitamente ameaçada.

Pierre Bourdieu e o seu escol constituíram uma presença viva nas fundações teóricas do curso de Sociologia dos anos de 1990, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O lastro dos seus livros e artigos esteve presente em vários ramos de aprendizagem, desde *Les Héritiers* (1964), passando por *La Reproduction* (1970), até *La Distinction* (1979). O lançamento de *O Poder Simbólico*, na coleção Memória e Sociedade, pela Editora Difel, no ano de 1989, reforçou o magnetismo que Pierre Bourdieu exerceu sobre

¹ Na edição original (Éditions du Seuil).

alguns dos futuros sociólogos daquela faculdade, entre os quais me encontrava, em particular suscitados pelas virtudes da operacionalização das noções de “campo”, “estrutura de capitais”, ou de *habitus*.

Ao longo do meu percurso académico, o período áureo de Bourdieu desapareceu quando frequentei um mestrado em Ciências Sociais, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Sendo um excesso referir que tornaram Bourdieu *persona non grata*, tinha ali presença reduzida, quase elidida por outras referências oriundas da Antropologia, da História Política e Social e da Sociologia de raiz anglo-saxónica. Nas lutas pela “verdade”, travadas no campo científico, Bourdieu perdia lastro e influência. E eu própria, percebo agora, me obriguei a “matar o pai”, desobrigando-me do que interpretei ser um excesso de sociologismo e da minha ligação a um dos pensadores mais desencantados com quem tomara contacto, o que nem sempre abona a favor do espírito que costuma pautar os tempos de juventude. Os seus sistemas classificatórios e o peso das estruturas sobre os indivíduos deixavam pouca margem à esperança, à *agência* e ao charme da mudança. Bourdieu escrevia obsessivamente a partir de um mundo de classificações e trajetórias de encaixe em sistemas, disposições, campos e territórios. Levando a sua grelha às últimas consequências, tudo é passível de ser interpretado e categorizado em chaves a partir das quais descodificamos os comportamentos dos indivíduos, desde que munidos do código para os interpretar. Este conjunto de razões levou-me a afastar-me dos seus esquemas conceptuais. Porém, *mea culpa*, na altura não alcancei que o que terá afastado um conjunto de reconhecidos historiadores e sociólogos do esquema conceptual de Pierre Bourdieu terá sido, por um lado, uma excessiva concentração na herança da sociologia francesa até então adotada pela academia e, por outro, uma proposta neomarxista que pouco espaço dava à compreensão das trajetórias desencaixadas do seu lugar de classe: o indivíduo é analisado em relação a um *habitus* de classe de que faz parte, ou que trai, ou a que aspira. O *habitus*, gerador de disposições e práticas, tem um peso que funciona como armadura e, analiticamente, a partir do momento em que nos recortamos com esta aparelhagem conceptual, é difícil conciliá-la com outra. Alguns argumentarão que o *habitus* é um princípio gerador de estratégias. Não constitui um conjunto de regras de conduta, ou de visões do mundo, correspondendo sobretudo a uma estrutura de propensões ou disposições sociais que organiza as práticas... No entanto, é indiscutível que Bourdieu considera que essas disposições, até por constituírem uma herança, agem como solo invisível dos comportamentos. Um último aspeto crítico da minha relação com os livros de

Bourdieu foi uma progressiva constatação de que alguns dos conceitos que julgara seu domínio eram, afinal, repescados de uma herança longínqua com raízes na filosofia e na etnografia. Um desses momentos foi quando constatei que o esquema sinóptico das oposições pertinentes apresentadas no início de *A dominação masculina* tinha fortes raízes nos ensaios de Marcel Mauss e de Robert Heertz (1990) que há muitas décadas escreviam sobre a forma como diferentes formações sociais impõem ao corpo e pensamento do indivíduo um determinado modo de ser e estabelecem antinomias com um peso fundamental nas esferas da vida: a predominância do uso da mão direita em detrimento da esquerda, o sagrado sobre o profano, o hegemónico sobre o subalterno, o masculino sobre o feminino.

Influências

Antes de me centrar em *A Miséria do Mundo*, forcei-me a um breve exercício retrospectivo de como a obra de Pierre Bourdieu se encontra presente no meu percurso de investigação, pois se a impressão que me causou foi tão intensa, importava levar por diante este exercício de cruzamento com o meu próprio pensamento, além de constituir uma forma de homenagem que este ciclo de conferências julgo querer promover. Além disso, este tipo de exercício permite aferir a receção dos autores, ou a forma como, em contextos específicos de investigação, os seus conceitos podem ser vertidos, e ainda contribui para um tipo de trabalho escasso na produção científica nacional que é o de traçar genealogias de pensamento, lutas entre correntes de pensamento, modas ou polémicas que se vão instaurando no campo de produção académica.

Durante os últimos anos do século XX, procurei desconstruir os discursos sobre o corpo das mulheres portuguesas no período salazarista, tendo como fontes primordiais o discurso do Estado (a partir das suas organizações oficiais), da medicina, da igreja.² Sendo um trabalho dirigido para a análise do discurso, fui sobretudo influenciada pelos escritos de Michel Foucault³ e de

² O momento culminante desta investigação constitui a minha tese de mestrado intitulada "Dons e Disciplinas do Corpo Feminino", apresentada ao ICS, financiada pela FCT, orientada pelo José Manuel Sobral e galardoada com o Prémio Carolina Michaelis de Vasconcelos, em 1998. O livro foi recentemente reeditado pela cooperativa Outro Modo (Brasão, 2017).

³ Em particular, o Tríptico de Michel Foucault: História da Sexualidade, vol. 1 (A vontade de saber). Vol. 2 (O uso dos prazeres); Vol. 3 (O cuidado de si).

foucaultianos. Não era um acaso que me interessasse escrutinar a forma como a ciência, ou Estado ou a religião agiam, nem sempre no mesmo sentido, produzindo um efeito de biopolítica, e regulando aspetos da vida dos indivíduos a partir de uma base de intervenção legitimada por essas grandes instâncias disciplinarizadoras no mundo contemporâneo. Desta forma, a obra de Pierre Bourdieu esteve praticamente ausente, correspondendo ao período em que me divorciei de analisar quase tudo sob o escopo do meu primeiro grande influenciador. Conhecia *A Dominação Masculina*, então já editada em Portugal, mas confesso que não mobilizei com suficiência este contributo, embora reconhecesse as formas e processos sob os quais se faz a construção social do papel feminino, em grande parte devedoras das antinomias naquela obra descritas: homem/mulher; seco/húmido; ágora/casa; produção/reprodução; cabeça/corpo; razão/emoção; guerra/paz.

Foi apenas no início do milénio que me cruzei com *A Miséria do Mundo*. No espírito dos seminários realizados no âmbito Projeto de “Sociologia da leitura em Portugal no século XX”,⁴ um dos momentos de discussão foi justamente dedicado à reflexão sobre este estranho livro, uma vez que colocava novos desafios de âmbito metodológico e epistemológico. Não conseguindo reproduzir aqui com pormenor o teor da viva discussão que teve lugar nesse seminário, seria injusto não reconhecer no contacto com esta obra a génese da minha vontade de sair do espaço das representações (e da teoria) para o terreno das práticas sociais. Foi este um dos primeiros momentos que me pareceu convocar para um método de inquirição da realidade que me interessava explorar: o de permitir que as pessoas falem. Mais do que centrar-me na análise dos discursos, eu queria agora recentrar-me na forma como as pessoas refletem sobre a sua própria história, e estabelecer a partir daí – das suas biografias – pontes com outros dados de carácter mais macrosociológico. Afinal, estava nesta semente o início de um ponto de viragem muito importante no meu percurso de investigação. Agora o reconheço.

No estudo sobre as memórias de vida e de trabalho das trabalhadoras domésticas que cresceram em regime interno, vigiadas e tuteladas pelos padrões familiares, reconheço sem dificuldade que a construção da subalternidade daquelas trabalhadoras foi de tal forma eficiente (no plano discursivo e das práticas laborais) que ainda hoje “carregavam” no corpo a hexis dessa obediência,

⁴Dirigidos por Diogo Ramada Curto e que, fundamentalmente, trouxe à luz a obra: Diogo Ramada Curto (dir.) (2006), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*.

mesmo que racionalizassem sobre as formas de opressão e humilhação a que algumas foram sujeitas. Se é verdade que se podem demonstrar os traços de um *habitus servil* nessa condição profissional, tentei igualmente demonstrar que esse *habitus* não reflete apenas aceitação, identificação ou passividade. Contribui para a reprodução do sistema de dominação, mas não excluiu possibilidades de insubordinação com efeitos de quebra de contrato. Por outro lado, foi possível demonstrar o peso da estrutura dos capitais na história desta condição feminina: os aspetos mais sutis do capital cultural e linguístico, como os modos corporais e a pronúncia (o sotaque), foram traços que conferiam todo o seu peso ao lugar do nascimento e eram “aproveitados” para estabelecer contrastes de classe, por parte do patronato. Da mesma forma, os regimes de vestuário, de mesa e as formas de distinção e julgamento procuradas pelos padrões domésticos de classe média que buscavam status social e reconhecimento, foram bem evidenciados pelo olhar das suas trabalhadoras.

A Miséria do Mundo

La Misère du Monde constitui fundamentalmente uma coletânea de “casos de estudo”, produto da realização de um total de 182 entrevistas (Mayer, 1995, p. 356). Cada caso é apresentado de acordo com uma estrutura bifacial. Numa das faces, acedemos à interpretação do caso e, em seguida, à estrutura crua da entrevista que lhe deu azo (o transcrito), por forma a que o leitor possa ele próprio controlar a forma como as nuvens de sentido foram cooptadas e sujeitas à análise. Embora estruturada desta forma, Pierre Bourdieu esclarece que o leitor pode muito bem querer escusar-se à leitura da face em que se dão a conhecer os pressupostos metodológicos ou as análises levadas a cabo pelo investigador.

É “Ao leitor” que Pierre Bourdieu começa por se dirigir numa pequena missiva de duas páginas. Ali nos esclarece que este livro coletivo colige um conjunto de depoimentos de pessoas que confiaram na equipa de investigadores a ponto de falar sobre a sua existência e a sua “dificuldade de viver.” É, portanto, neste ponto inaugural que entendemos o quanto o resultado alcançado foi deverdor de um método – a realização de entrevistas no espaço onde as pessoas vivem – permitindo uma recolha que não é apenas sobre a interpretação que o entrevistado faz sobre o que foi (e é) a sua vida, mas também sobre a forma como se inscreve nesse mesmo espaço: a casa, os objetos, o sofá onde

recebe as visitas, a forma como usa o corpo, ou apresenta os familiares. Esta etnografia ajuda a situar o indivíduo no plano da materialidade física e social em que está inscrito e permite ao investigador aceder à paisagem física e social do entrevistado, de forma síncrona.

É também neste prólogo que são questionados problemas de natureza epistemológica: será que no ato de publicação integral das palavras proferidas pelos entrevistados, ao abrigo do pacto estabelecido com os interlocutores, estamos a expô-los sem responsabilidade, fruto do poder que o entrevistador tem, e da violência simbólica que carrega esse poder com origem na academia, deixando-os à mercê de juízos precipitados? Não haverá uma obrigação ética em preservar as confidências a que acedemos, por forma a controlar desvios e juízos oportunistas? Ora, de acordo com Bourdieu, é preciso fornecer “os meios para compreender”, algo aqui salvaguardado através de um esforço de contextualização dos problemas, alguns deles com os quais a França deste período se confrontava direta e diariamente, e não resvalando por “imagens simplistas e unilaterais”, mas seguindo pelo caminho da “representação complexa e múltipla.” Podemos perguntar: *A Miséria do Mundo* salvaguarda essa complexidade? Talvez não o consiga inteiramente. Por vezes adjetiva em demasia, por vezes talvez psicologize a atitude dos entrevistados, outras vezes talvez não ceda ao julgamento de gosto, como quando faz questão de referir subtilmente as almofadas bordadas coloridas e os bibelots na cristaleira do primeiro casal entrevistado. Mas, por outro lado, é uma obra extremamente corajosa. Talvez nunca antes tivesse sido compilado um mosaico tão completo e complexo de vivências que nos permite revelar que “a realidade é um espaço de conflito de interesses consoante a posição que os diferentes indivíduos ocupam no espaço social: desde aqueles que praticamente defendem as agressões aos jovens, como aos próprios jovens abandonados em quintais de lixo entre conjuntos habitacionais gigantes.” Assumir e contextualizar a existência de conflito, que hoje se percebeu ser a antevisão do Lepenismo, não é promover o conflito, antes permitir que a reflexão tivesse ocorrido, coisa que sabemos que não aconteceu. Mas não podemos atribuir a Pierre Bourdieu essa culpa.

Os títulos conferidos a cada uma das entrevistas vertem das palavras usadas pelos próprios interlocutores, para que desse ato de fidelidade se resgate uma vez mais o pacto de confiança estabelecido entre as duas partes, algo que fui eu própria utilizando nas incursões pela história oral. A título de exemplo, quando, no caso “Um Paraíso Perdido”, Sylvain Broccolichi escolhe o título “Nós aqui

somos muito desrespeitadas”, frase proferida durante a entrevista realizada às estudantes Claire, Muriel e Nadine, esse resgate de palavras para o título procura evidenciar o sentido da perda de valor (ou poder) relativo que cada uma destas estudantes sentiu aquando da passagem do ensino privado para o público, com consequências na forma como a sua trajetória escolar e pessoal se passou a desenhar, desde então, e na forma como a competição por distinção passou a ocorrer de forma diferente, tendo como desfecho a percepção de que se é “menos respeitado”. Mas é sempre um desrespeito que não é verdadeiramente objetivo. Funciona na subjetividade da relação com outras respeitabilidades vividas.

Embora tenha sido acusado por Mayer da confusão (e, portanto, ausência de rigor) entre estilos literário, político e sociológico em que a escrita do livro navega, Bourdieu está atento aos perigos de “novelização” dos testemunhos, perigo em parte salvaguardado porque estes testemunhos são poupados aos dispositivos audiovisuais que os *media* facilitam (acompanhados de bandas sonoras específicas, rodapés e grandes planos que muitas vezes expõem os indivíduos na sua dor). Embora Nonna Mayer nos leve por essa crítica, parece-me que, ao contrário do que Mayer sugere, é difícil encontrar uma obra de maior honestidade intelectual, uma vez que a vasta equipa de sociólogos mostra de que forma empresta e atribui significado às fontes orais a que acedeu. Isto é, mostra a operação que parte da empiria e termina na análise, inclusive com os cortes realizados ou as redundâncias acrescentadas. Nesse sentido, abrem o peito às balas sobre excessos interpretativos, derivas “ideológicas” ou às próprias farpas de Nonna Mayer.

Ressalvo um aspeto igualmente inspirador que esta obra traz ao de cima: é que o recurso às narrativas de vida é algo legitimado entre os detentores de qualificações, notoriedade e recursos. Foram, aliás, eles próprios que construíram as narrativas sobre o passado, e as reproduziram ao longo do tempo. Mas existe, embora hoje com muito menor ênfase, graças à progressiva legitimação do uso da história oral como fonte, um certo “racismo de classe” relativamente ao valor cultural e social que têm as narrativas das pessoas comuns. Como se lhes quiséssemos atribuir o papel de figurantes da história, sem capacidade para intervir na própria história, ou sobre ela refletir. Esta extrema desigualdade a que os “anónimos” da história foram sujeitos no registo escrito cai por terra neste livro. Ele é, afinal, o reverso disso. Na verdade, a oposição entre os produtores e “guardadores” de memória escrita (as elites) e os desinvestidos de recursos escolares (os subalternos), tem escamoteado a possibilidade de

compreender processos estruturais nas sociedades contemporâneas do “ocidente”: por exemplo, o desempenho da condição servil doméstica feminina para a emancipação de mulheres de classe média no acesso ao trabalho e à independência económica, ou o papel da classe operária nas lutas pelos direitos no trabalho. Em ambos, aqueles são protagonistas; não figurantes. Como escrevi num outro lugar, “Por que razão a biografia das ‘pessoas comuns’ não suscita a vontade de publicação do seu discurso integral, tal como sucede vulgarmente com pessoas veiculadas a reconhecimento público, de vários tipos? Qual é a questão de fundo que divide a importância social concedida à vida de uns por oposição à vida de outros? O que se perde quando, metodologicamente, dispensamos a publicação de um pensamento estruturado e integral, levando para teses e comunicações excertos truncados de histórias de vida, por economia e política de espaço e tempo, mas o que se perde, afinal? É nossa convicção que a publicação de histórias de vida na sua completude permite à comunidade académica e civil um avanço em perspetivas compreensivas da realidade social.”⁵

Este é um livro premonitório, e sombrio nessa premonição, pelo menos a dois títulos: por um lado, antevê uma França com dificuldade em conviver com as diferentes comunidades culturais que acolheu, nomeadamente as oriundas de países que foram pela França colonizadas e dominadas durante séculos. Em segundo lugar, porque antecipa o impacto que os *media* (e, hoje em dia, as redes sociais)⁶ têm na formatação dos juízos sobre grupos sociais, em particular sobre as minorias. Bourdieu assume que esta obra analisa os “espaços difíceis”, sejam eles os “grandes conjuntos habitacionais”, a “escola” ou o “tribunal”: afinal, são estes mesmos temas que se tornaram *prime time* do espaço mediático e são usados pelos meios para criar ondas de choque e empatias momentâneas de sofrimento, ligadas à gestão emocional dos conteúdos televisionados. Ao contrário, nestes depoimentos e respetiva contextualização sociológica, pretendem-se reflexões sobre a impotência dos indivíduos em face do Estado, nomeadamente no campo da educação (que reproduz desigualdades), da justiça (impotente na defesa dos mais frágeis), ou na habitação (mostrando de que forma as cidades e os seus subúrbios, em particular, refletem graves assimetrias na construção do espaço que se repercute na vida dos seus habitantes).

⁵ Publicação a propósito do lançamento do Projeto Memórias de Servidão: Arquivo Digital de História do trabalho servil – DHLAB – IHC – NOVA FCSH.

⁶ A *Miséria do Mundo* foi publicada cerca de dez anos antes da invenção e vulgarização da primeira grande rede social, o Facebook. A rede de Mark Zuckerberg veio à luz em fevereiro de 2004.

“A Rua dos Junquinhos” é o primeiro caso apresentado neste livro. A primeira descrição dá-nos uma visão apocalíptica sobre o espaço habitado pelos moradores daquele bairro: uma rua que “lembra naturalmente a palavra deserto” e onde quem ali permanece parece ter sobrevivido a um “imenso desastre coletivo.” Esse desastre não é outra coisa além de uma memória triste do que outrora foi um espaço de pujança fabril, naturalmente atrativo para um conjunto de famílias operárias que ali se foram instalando, absorvendo mão-de-obra que se entregava à sujidade da fábrica desde a tenra adolescência. Hoje envelhecidos, esses moradores, agora pais de filhos, fazem um enorme esforço para desviar os descendentes do mesmo destino, usando a escola como “elevador social”. Esta é uma realidade que facilmente podíamos usar para compreender fenómenos que conhecemos bem, em Portugal, em particular nas bacias industriais de Setúbal, ou do Vale do Ave⁷. Neste sentido, o que se aborda aqui é uma realidade transnacional que a sociologia tem o dever de identificar exatamente como projeto que podemos interpretar como político, ou de denúncia, de realidades submersas e pouco atrativas: o trabalho infantil; o abandono precoce da escola; os trabalhos socialmente desqualificados; a promessa de uma escola que não satisfaz as aspirações de não ver os filhos repetir as condições materiais de existências dos pais; o problema da desvalorização dos diplomas, o desemprego, a baixa progressiva dos salários ou a degradação de certas profissões em face do avanço da robótica. Um último aspeto merecedor de atenção em “A Rua dos Junquinhos” é a referência à forma como os entrevistados, de origem argelina, em face dos que ostracizam e diminuem trabalhadores argelinos de emigração recente, manifestam solidariedade para com um património comum de experiências vividas enquanto “cidadãos de segunda.”

“Efeitos de lugar” é outro caso de estudo com a assinatura de Pierre Bourdieu que mereceu a minha atenção particular. Aqui vemos bem explanadas as imbricadas relações entre “as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico”. Conhecemos o quanto as palavras “subúrbio” ou “gueto” (entretanto já menos presente) ecoam muito além do seu significante. Remetem para imagens que não controlamos resultantes de camadas de “fantasmas” e “experiências emocionais” difundidas e amplificadas sobrejamente no espaço mediático. É este o texto que melhor enuncia o quanto os espaços estão inscritos numa hierarquia. Assim, não há espaços, em uma sociedade hierarquizada, que não sejam hierarquizados e deixem de exprimir hierarquias e distâncias sociais,

⁷ Cf. o livro, organizado por Virgílio Borges Pereira (2012), *Ao Cair do Pano*.

mesmo que de forma dissimulada. “É o caso, por exemplo, de todas as projeções espaciais da diferença social entre os sexos (na igreja, na escola, nos lugares públicos e até em casa).” A escola, por exemplo, nos seus pátios, ainda não esvaneceu marcas de gênero ligados à prática de determinados jogos mais expansivos (por exemplo, o futebol), ao contrário dos jogos femininos, por regra mais confinados: a corda, o eixo. Se tomarmos Lisboa como um outro exemplo, é muito fácil compreender estas formas de oposição que imprimem uma violência simbólica aos lugares: a Lapa por oposição à Graça, ou o Parque das Nações por oposição ao Casal dos Machados. Neste último bairro habitacional, trata-se de bairros contíguos, sendo que a forma como se projetam no espaço denuncia imediatamente as condições diferenciadas de quem os habita. O casal dos Machados está encostado a uma estrada de circunvalação, do lado oposto à popular Moscavide, para cá da linha férrea, enquanto os bairros do Parque das Nações beneficiam de espaços ajardinados, palmeiras, jardins amplos, praças interiores, lojas com esplanadas ao livre e o novíssimo Palácio da Justiça. Usando a tradução da Vozes: “O bairro “chique” consagra simbolicamente cada um de seus habitantes. O bairro estigmatizado (de subúrbio) degrada simbolicamente os que o habitam, e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão.”

“Um equilíbrio tão frágil”, assinado por Pierre Bourdieu e Gabrielle Balazc, retrata a história de um casal de emigrantes portugueses. “António” chegou a França no início dos anos de 1970, o período final da terceira grande vaga iniciada nos anos de 1960, em Portugal e que, no seu final, passou a permitir que as mulheres acompanhassem os seus maridos na diáspora. Em correspondência com o estereótipo do emigrante português acolhido numa *bidonville* parisiense, António foi o primeiro a tentar a sua sorte e arranjou trabalho na construção civil. Para trás deixou mulher e três filhos. Mas, passado um ano, reencontraram-se num minúsculo apartamento: “sem um cobertor, nem lençol, nem uma cama para se deitarem”. Na continuação de uma linha que marca a história da emigração portuguesa em França, “Linda” arranjou lugar como empregada de limpeza em escolas, mas também como empregada doméstica. Conhecemos sobejamente o estereótipo das emigrantes portuguesas que trabalharam como *concierges*. A narrativa que se segue é, naturalmente, a do grande esforço desenvolvido para que, pouco a pouco, pudessem construir “uma vida”. E, às suas custas, conseguiram construir uma “pequena casa, num bairro calmo, em Saint Marcelin”. Este feito ajudou à construção de uma percepção de integração

e “êxito” na sociedade francesa. Finalmente deixariam de ser vistos como “os outros”, “estrangeiros”, e passar a ser “uns deles”. A percepção é desmoronada quando ambos sofrem graves reveses de saúde, um deles, o de António, provocado pelo facto de ter ficado com

os dedos do pé amputados por uma máquina de cortar relva, em 1990. O colapso irá dar-se rapidamente, uma vez que as estruturas de apoio vão desaparecendo, uma a uma, e a esse desaparecimento de apoio não é alheio o facto de que, afinal, não eram “verdadeiros franceses” (in Bourdieu, 1993).

Esta grande desilusão apanhou e continuará a apanhar desprevenidos as comunidades migratórias que circulam pelo mundo, sobretudo quando estão em causa relações de poder e estigma entre os países de partida e chegada, embora o discurso oficial o dissimule, continuamente, até aos dias de hoje.

“Esposa e colaboradora”⁸ tem a autoria de Jean Pierre Farger. Apresenta-nos a história de vida de “Hélène D.”, montadora de filmes para televisão e cinema. Hélène teve a oportunidade de trabalhar no início da carreira com vários realizadores do período da *Nouvelle Vague*. Esta biografia permite pôr em evidência como, através da biografia de uma mulher que cedo abraçou uma profissão numa área tradicionalmente “masculina”, se revelam os arquétipos de género nas sociedades “ocidentais”. O facto de Hélène ter assumido um lugar de sombra e subalternidade quando contraiu matrimónio parece ter sido “naturalizado” como algo inscrito na lei das coisas, sem existir um questionamento sério acerca das suas próprias competências profissionais, nem refletir sobre o peso negativo que isso constituiria no seu projeto de carreira. Numa época em que as mulheres ainda eram uma pequena minoria nas profissões qualificadas do setor cinematográfico, a protagonista desta história encarava os pares (masculinos), no campo intelectual, como “seres superiores” capazes de “criar”, uma construção de género que não conseguiu combater, apesar das suas qualificações e acesso a um meio onde se subentende grassar o pensamento crítico. Esta negação da aspiração à condição de artista marca, entre muitas outras barreiras, a história das mulheres⁹ assente nos binómios

⁸ Há uma correspondência espantosa com o recente filme “The Wife”, filme recentemente agraciado pela academia de Hollywood graças à interpretação de Glenn Close, que obteve o globo de Ouro nesse mesmo ano.

⁹ Cf. Virgínia Wolf (1999), *A room of one's own*.

produção/reprodução e criação/recriação que sempre acompanhou as divisões de género masculino e feminino, respetivamente. Ao longo da vida, o papel de Hélène foi-se pautando por uma postura de encorajamento e apoio moral ao agente criador da família. Hoje, diríamos que Hélène não escapou ao estigma da mulher cuidadora que se sacrifica pela carreira do seu homem graças às reconhecidas facilidades em pôr em marcha o seu trabalho emocional. No fundo, foi correspondendo à expectativa do papel que construíram para si até ser tarde demais. Existe um último aspeto interessante neste caso estudado por Jean Pierre Farger com o qual se cruzará a biografia de muitas mulheres portuguesas: a erupção tardia do feminismo afetou milhares de mulheres que viveram num período de formatação mais fechado para, mais tarde, em função do contacto com o espaço público e o impacto de um conjunto de acontecimentos, debates e movimentos sociais, dar o seu salto em frente. Mas isso não significa que se esbateram as profundas marcas de classe que dividem a condição feminina.

Conclusão

No *post scriptum*, Pierre Bourdieu volta à escrita para confessar a sua desilusão com o mundo, e com o mundo dos políticos. É como se o desencanto dos entrevistados tivesse feito ricochete e fosse devolvido em dobro a quem neles procurara esperança. De acordo com as suas próprias palavras, o terreno da política encontra-se “infestado de tecnocratas que pouco ou nenhum contacto têm com a vida quotidiana dos seus concidadãos.” É uma frase que podíamos encontrar facilmente escrita nas paredes dos dias de hoje. Nesse sentido, pode conter a periculosidade de nos levar a afastar da política, quando devia ter o efeito contrário. Ao contrário do que parece, creio que deve ser lida como a assunção de uma grande desilusão em face do seu projeto de transformar a sociologia num “desporto de combate”, capaz de sustentar políticas públicas com efeitos no estancamento das várias formas de desigualdade social, hoje largamente estendidas às questões étnico-raciais, além das de classe e de género. Nessas palavras finais, os “intelectuais” também não são poupados. Pierre Bourdieu identifica problemas de jargão e de comunicação. Ora não se percebe o que querem dizer, presos em conceitos que necessitam de chave de cofre para a sua decifração, ora existem “os que não páram de falar”, enredados no grande comércio do comentário mediático que as concorrências televisivas aprenderam a capitalizar.

Para os que forem apanhados de surpresa relativamente ao que poderão encontrar neste livro, a partir do seu título, é preciso dizer que *A Miséria do Mundo* não é sobre os protagonistas deste livro. *A Miséria do Mundo* é o título que expressa o quão miserável é a construção de um mundo que relega para condições de enorme desvantagem e desigualdade grande parte dos seus, iludindo em discursos políticos e mediáticos esforços que nada mais fazem do que reproduzir essas desvantagens e desigualdades.

Referências bibliográficas

- Brasão, I. (2017). *Dons e Disciplinas do Corpo Feminino*. Lisboa: Livros Outro Modo.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction. Critique Social du Jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Bourdieu, P. (1989). *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, P. (org.) (1993). *La Misère du monde*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bourdieu, P. (org.) (2008). *A Miséria do mundo*, Petrópolis, RJ: Vozes, 7.ª edição.
- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma Teoria da Prática. Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*. Oeiras: Celta Editora (1.ª edição original em 1972).
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (1985). *Les Héritiers. Les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions de Minuit (1.ª edição em 1964).
- Bourdieu, P., & Passeron, J.-C. (s/d). *A Reprodução. Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Lisboa: Editorial Vega (1.ª edição original em 1970).
- Carles, P. (realização) (2001). *La Sociologie est un sport de combat*. C.P. Productions/ V. F. Productions, França.
- Curto, D. R. (dir.) (2006). *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no Século XX*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia (MCT).
- Heertz, R. (1909). La prééminence de la main droite : Étude sur la polarité religieuse, *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 68, 553-580.
- Mayer, N. (1995). L'entretien selon Pierre Bourdieu : Analyse critique de La misère du monde, *Revue française de sociologie*, 36, 2, 355-370.
- Pereira, V. B. (Org.) (2012). *Ao Cair do Pano: sobre a formação do quotidiano num contexto (des) industrializado do Vale do Ave*. Porto: Edições Afrontamento.
- Wolf, V. (1999[1935]). *A room of One's Own*. Peterborough, Ontario: Broadview Press.